

País fecha acordo com bancos para pôr juros em dia

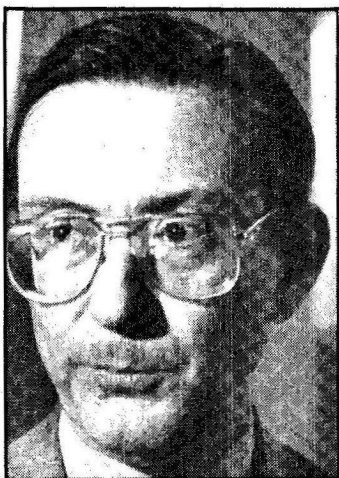
JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — William Rhodes, Presidente do Comitê Assessor de Bancos Credores do Brasil, anunciou ontem que o acordo entre as partes sobre a recente renegociação da dívida externa finalmente foi selado. Pouco mais de 300 bancos, segundo ele, comprometeram-se a participar do empréstimo de US\$ 5,2 bilhões. O primeiro desembolso será de US\$ 4 bilhões, e acontecerá daqui a duas semanas. Esse dinheiro, no entanto, não chegará aos cofres do Banco Central. Ele permanecerá em mãos dos próprios banqueiros: haverá apenas uma operação contábil, através da qual o Brasil saldará os juros ainda devidos referentes ao ano passado.

— A partir de então, o Brasil estará perfeitamente em dia com as suas obrigações. É a primeira vez que isso acontece desde a moratória decretada em fevereiro do ano passado — comentou Rhodes. O empréstimo, segundo ele, acabou saindo em tempo recorde. Para reforçar a boa disposição dos banqueiros em relação ao Brasil, ele citou que as subscrições desse pacote acabaram sendo maiores do que era necessário. Ao contabilizar as ofertas dos bancos, o Comitê notou que havia uma sobra de US\$ 92 milhões — que, agora, serão devolvidos.

— Os **exit bonds** (bônus de saída) brasileiros também foram um sucesso: pouco mais de cem bancos subscreveram um total de US\$ 1 bilhão. E entre esses bancos há vários que não estavam mais dispostos a participar de qualquer pacote com o Brasil — comentou.

Ainda não se vislumbra, no entanto, um final feliz para a “novela da negociação”, iniciada um ano atrás. Acontece que o desembolso do US\$ 1,2 bilhão restante desse pacote está vinculado a um acerto entre o Governo brasileiro e o Banco Mun-



Rhodes: houve sobra de dinheiro

dial (Bird). Essa parcela será um cofinanciamento. Por isso, os US\$ 500 milhões previstos para serem liberados em dezembro só o serão se até lá o Bird tiver aprovado um projeto de construção de usinas hidrelétricas apresentado pelo Brasil.

A negociação caminhava bem até há poucos meses. Mas hoje está num impasse, devido ao fato de a Eletrobrás ter absorvido a Nuclebrás: os diretores do Banco Mundial temem que o dinheiro seja utilizado no setor nuclear e não no elétrico. A exigência de garantias de que a verba será bem aplicada está demandando uma nova série de negociações.

E à medida que esse acordo for sendo adiado, também será prorrogada a liberação de outro empréstimo: US\$ 450 milhões que o Brasil solicitou ao governo do Japão, também para o setor elétrico. Os japoneses já disseram que só entregarão o dinheiro depois que o Banco Mundial aprovar o plano.

A parte final do pacote fechado ontem com os bancos também depende de um acordo entre o Brasil e o Bird. A liberação do dinheiro está condicionada à aprovação do projeto de reforma da área de comércio exterior.

Reservas sobem para US\$ 4,5 bi

BRASÍLIA — As reservas internacionais brasileiras em caixa alcançaram US\$ 4,5 bilhões no último mês de julho, com um acréscimo de US\$ 250 milhões em relação ao mês anterior, de acordo com os dados oficiais divulgados ontem pelo Banco Central. No conceito de liquidez internacional, que abrange não só as reservas disponíveis imediatamente como também os créditos de médio prazo a receber pelo País, a posição registrada em julho foi de US\$ 7,86 bilhões, o que significou um aumento de US\$ 434 milhões em comparação a junho.

O melhor resultado apurado

para as reservas internacionais brasileiras neste ano continua sendo o do mês de maio, quando o total em caixa atingiu US\$ 5,26 bilhões e US\$ 8,65 bilhões na posição de liquidez internacional. O acréscimo registrado nas reservas em julho em relação ao mês anterior foi creditado pelo Chefe do Departamento Econômico do BC, Sílvio Rodrigues Alves, aos superávits expressivos da balança comercial no período. Outras fontes do Banco, entretanto, informaram que o resultado de julho não computou pagamentos relativos ao período, que só seriam registrados em setembro.